

SILÊNCIO. ELE ESTÁ NO PLANALTO

Dona Risoleta

O cortejo fúnebre com o corpo do presidente Tancredo Neves chegou ao Palácio do Planalto às 17h40, quando o horário previsto era às 17 horas, e foi apressado nas últimas etapas do percurso a pedido da própria família e do governo, a fim de possibilitar que os milhares de pessoas postadas na praça dos Três Poderes desde as 13 horas pudessem dar início à visitação pública. A família do presidente eleito já estava no Palácio e, em companhia do presidente José Sarney e de dona Marly, colocou-se no topo da rampa.

O esquife foi retirado do carro de combate por seis soldados das três armas em uniformes de gala, e o trabalho levou alguns minutos, acompanhado em silêncio. No salão nobre estavam os ministros e governadores, familiares, representantes da Igreja e centenas de parlamentares, que começaram a chegar antes das 13 horas. O primeiro ministro a chegar foi Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, que ficou meia hora no salão até ser informado de que seus colegas estavam no gabinete presidencial.

O chefe do cerimonial, ministro Alves de Souza, desceu a rampa para receber o esquife, que foi acompanhado por uma guarda de honra de mais seis soldados. O caixão, foi colocado sobre a essa tendo ao fundo um painel branco com uma grande escultura de Cristo em madeira, e apenas dois grandes castiçais com velas, de cada lado, à frente, sobre uma almofada de veludo, o colar da Ordem Nacional do Mérito, concedido na véspera por ato do presidente José Sarney.

Dona Risoleta, os netos Aécio e Andréia, os filhos Tancredo Augusto, Maria Inês e Maria do Carmo, juntos com o presidente Sarney e dona Marly, assistiram à entrada do caixão enquanto era iniciada a salva de 21 tiros de canhão. O silêncio só era quebrado pelos gritos de "Tancredo, Tancredo" e "o povo unido jamais será vencido" entoados pelos populares, mantidos pela Polícia do Exército a uma distância de mais de mil metros do Palácio.

Três minutos

O povo começou a aplaudir durante a subida da rampa, e quando o esquife, conduzido pelos soldados, entrou no salão nobre do Palácio foi saudado por palmas durante três minutos, até ser colocado sobre a essa. Os governadores e ministros desceram pela rampa do gabinete do presidente e ficaram de pé diante do caixão. À esquerda, a família e os amigos mais íntimos do presidente Tancredo Neves, como o publicitário Mauro Salles e a cantora Fafá de Belém, e à direita uma fila de cadeiras reservadas aos

Dona Risoleta Neves passou mal no carro em que acompanhava o cortejo do marido, sendo levada ao Palácio do Planalto, onde foi medicada com tranquilizantes e passou cerca de uma hora descansando. Dona Risoleta sofreu uma pequena crise nervosa decorrente de cansaço e stress.

Dona Risoleta chegou ao palácio cerca das 16h, acompanhada do filho Tancredo Augusto e do neto Aécio. No carro da frente vinham o presidente Sarney e sua esposa e todo o grupo se utilizou do elevador privativo. Assessoros presidenciais tranquilizaram os ministros e governadores, ressaltando que dona Risoleta se restabelecia rapidamente, depois de atendida pelo serviço médico da Presidência da República. A lentidão do cortejo,

representantes da Igreja. Dona Risoleta, Sarney e dona Marly ficaram sentados alguns metros adiante da família do presidente falecido, mais próximos do esquife. Antônio Carlos Magalhães, na segunda fila, enxugava as lágrimas com um lenço branco.

A cerimônia religiosa celebrada pelo arcebispo de Brasília, dom José Costa Falcão, começou às 18 horas com acompanhamento do madrigal e orquestra da Escola Nacional de Música de Brasília, que interpretou músicas barrocas a pedido do Cerimonial e da família de Tancredo, entre elas a Sinfonia Fúnebre, Três Respostas, Missa de Réquiem e Memento Baiano, todas de autores brasileiros. Poucos minutos depois de iniciada a cerimônia subiram a rampa, atrasados, o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, do Senado, José Fragelli, e os líderes Pimenta da Veiga, Humberto Lucena e Fernando Henrique Cardoso, além do presidente do STF, José Carlos Moreira Alves.

Dona Risoleta acompanhou toda a cerimônia demonstrando firmeza, de óculos escuros, aparentando estar plenamente recuperada da indisposição que a acometeu durante o cortejo fúnebre. No meio da cerimônia o neto e secretário particular do presidente eleito, Aécio Neves Cunha, levantou a

que atrasou mais de uma hora, contribuiu para agravar o cansaço da viúva de Tancredo.

Dona Risoleta Neves restabeleceu-se rapidamente como previsto, e quando o cortejo chegou ao palácio ela já estava a espera no topo da rampa. Assistiu a toda a cerimônia religiosa, retirando-se ao final dos cumprimentos. Com os filhos e netos, dona Risoleta ocupou o gabinete do filho, Tancredo Augusto, no terceiro andar, onde repousou mais uma vez depois de terminada a cerimônia fúnebre.

Por volta de 21h30, ela retornou ao salão onde se encontrava a urna funerária. Em companhia do filho, abriu a urna, ajeitou as flores, enxugou o rosto do marido, chorou muito, consolou os populares e permaneceu

tampa de madeira da parte superior do caixão, e apenas o vidro, embaçado, passou a encobrir o rosto de Tancredo Neves. Um dos religiosos conduziu Aécio para o lado do esquife e, de longe, alguns presentes puderam distinguir a faixa presidencial no peito de Tancredo, embora seu rosto não pudesse ser visto com nitidez através do vidro embaçado. Pouco antes do final da cerimônia o presidente Sarney e sua esposa aproximaram-se também do caixão e fizeram o sinal da cruz enquanto se ajoelhavam. Minutos depois estava encerrada a cerimônia religiosa, que teve também a participação do núncio apostólico dom Carlo Furno. Os últimos atos foram combinados pelo chefe do Cerimonial com dona Risoleta e o presidente Sarney, durante o desenrolar da cerimônia, mediante consultas em voz baixa.

Só Andreazza

Os cumprimentos dos governadores e ministros foram iniciados às 18h25, tendo o presidente Sarney e dona Marly se retirado para o gabinete depois de falar com todos os familiares de Tancredo. O ministro Francisco Dornelles era dos mais emocionados, e a filha de Getúlio Vargas, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, trocou o mais demorado

longo tempo observando a fila interminável de pessoas que desfilavam diante da urna.

Dona Risoleta voltou a recolher-se, para descansar no gabinete do filho, Tancredo Augusto, às 22h30. Antes de sair, ela beijou o marido. Pouco antes das 22h, o número de visitantes começou a aumentar.

A viúva de Tancredo Neves passaria toda a noite no palácio, revezando-se com os filhos e netos na vigília fúnebre. Segundo informações do assessor de imprensa do presidente José Sarney, jornalista Fernando César Mesquita, dona Risoleta receberia, pela manhã, as condolências das delegações estrangeiras e só deixaria o palácio do Planalto por volta de meio-dia, juntamente com o corpo do marido, rumo a Belo Horizonte.

abraço com dona Risoleta Neves. Ministros e governadores sucediam-se nos cumprimentos e depois iam para o outro lado do salão, ou subiam para o gabinete presidencial a fim de fazer companhia a Sarney. Do antigo governo, o único presente, que furou a fila de cumprimentos chegando repentinamente, foi o ex-ministro do Interior, Mário Andreazza. Ele cumprimentou dona Risoleta, filhos e netos e depois saiu do Palácio.

Desde meio-dia o salão nobre e o mezanino do terceiro andar estavam cheios. A administração do palácio chegou a alertar que o mezanino não comportava grande número de pessoas, por ser uma área sem sustentação de colunas. Parlamentares e alguns penetras invadiram o local reservado à imprensa, alguns deles ainda carregando cadeiras, como Herbert Levy, Gustavo Faria e Leur Lomanto. Mas o cortejo fúnebre demorou a chegar e muitos acabaram abandonando suas posições e saindo para almoçar. A um canto do salão ficaram os parlamentares do PDS, Nelson Marchezan, Roberto Campos, Prisco Viana e outros. Mais atrás, o pernambucano Jarbas Vasconcelos, único parlamentar do PMDB que não compareceu ao Congresso no dia da votação do Colégio Eleitoral que elegeu Tancredo Neves.

As 18h50 dona Risoleta e quase todos os familiares de Tancredo subiram para o gabinete do secretário especial Tancredo Augusto, no terceiro andar, permanecendo ao lado do caixão apenas o neto e secretário Aécio Neves da Cunha. Neste momento a multidão de parlamentares e convidados, pois até então não havia entrado nenhum popular, derrubou os cordões de isolamento e se aproximou do caixão aos empurrões. Entre os deputados, o carioca Vilmar Palis, mais Daso Coimbra e o baiano Hélio Correia. Foram dezenas de pessoas forçando o caixão, alguns se benzendo e outros não resistindo e passando as mãos sobre o vidro que encobria o rosto de Tancredo Neves.

O povo protesta

Até então, 19h10, os populares que se aglomeravam na praça dos Três Poderes eram mantidos a cerca de um quilômetro de distância do palácio, contidos por grande número de soldados da Polícia do Exército. Isso provocou a retirada de centenas de pessoas que desejavam participar da visitação pública, além de gritos de protesto diante da utilização de cachorros amestrados para manter a multidão afastada.

Dona Risoleta permaneceu no Palácio do Planalto com seus filhos, descansando no gabinete que será ocupado por Tancredo Augusto se ele desejar continuar no cargo para o qual foi indicado por seu pai. Os parlamentares e convidados começaram a sair pela rampa depois das 19h20, para permitir o acesso dos populares que passaram toda a tarde sob o forte sol do cerrado. O presidente José Sarney também foi descansar no Palácio do Jaburu e a visitação pública ao corpo do presidente Tancredo Neves prosseguiu por toda a noite. O sepultamento será amanhã às 17 horas em São João del Rei, depois de receber também as últimas homenagens do povo mineiro em Belo Horizonte.

Uma das pessoas mais tristes no Palácio do Planalto, e que não assistiu às cerimônias, foi a secretária particular de Tancredo, Antônia Gonçalves, que com ele trabalhava há mais de 15 anos. Ela procurou circular anonimamente pelo Palácio, evitou os jornalistas quando era reconhecida e ficou a maior parte do tempo no gabinete onde vem trabalhando desde a posse interina de José Sarney.

O presidente Sarney viajará amanhã de manhã para Barbacena e de lá seguirá para São João del Rei, onde acompanhará o sepultamento. Amanhã, 24 de abril, o novo presidente do Brasil estará completando 55 anos de idade.